

Quando a jiboia desenhou meu nome no céu

Morane Almeida de Oliveira

Rio Branco, Acre, Brasil

morane.oliveira@ifac.edu.br

Doutor em Educação em Ciências e Matemática.

Instituto Federal do Acre

<https://orcid.org/0000-0001-9012-5488>

Nasci antes de mim mesmo. Ou melhor, fui sonhado por estrelas que pulsavam num ritmo que eu ainda não entendia, mas que desde cedo me chamava pelo nome — um nome que só o vento das noites equatoriais sabia pronunciar. *Yube*, disseram-me depois. Mas antes do som, veio o olhar. E antes do olhar, veio o fascínio. Apareci ao mundo sem alarde, como quem é deixado à beira de um rio por uma jiboia encantada. Um corpo recém-solto do cordão materno, ainda tateando o peso de estar entre os vivos. Um pedaço de carne animada, perfeita em sua engrenagem biológica, mas inquieta — porque não basta estar, é preciso pertencer. Ainda menino, sentia que havia algo por trás das formas do céu. Os planetas, os pontos cintilantes, os desenhos que as estrelas faziam por capricho ou sabedoria antiga — tudo isso me invadia como uma linguagem que não me foi ensinada, mas que me habitava com urgência. Eu não compreendia, mas intuía. E essa intuição era matemática. Era também poesia. Era desejo de reconciliação com o mundo. Cresci como quem carrega um lampejo no peito. Enquanto outros desenhavam árvores ou casas, eu rabiscava espirais. E não por virtuosismo, mas por uma tentativa de traduzir o que sentia quando via os redemoinhos das folhas ao vento ou os caminhos invisíveis das formigas no chão. Era como se eu estivesse condenado a decifrar o mundo por entre suas dobras ocultas — e nisso havia encantamento, mas também solidão.

A matemática me escolheu — mas não aquela matemática dos quadros negros e das fórmulas em série. Foi a matemática da noite, do intervalo entre as palavras, da harmonia escondida nas conchas. A que pulsa no ritmo da natureza, no compasso do tempo das águas e das sementes. Estava ali, nas linhas tortas dos galhos, no espelho da lua sobre o



igarapé, na dança invisível entre as forças que sustentam o universo. Mas confesso: por vezes, não me sentia parte disso tudo. Havia uma concha, uma pele grossa que me separava. Como se eu estivesse do lado de dentro de mim mesmo, isolado do arquivamento do mundo. E, no entanto, em mim também germinava um impulso — não de escapar, mas de me reconciliar com o real. Desejei, então, ser mais do que carne. Ser ponte, ser pertencimento. Criei, em minha imaginação de menino, um movimento dentro do movimento — como quem rasga o próprio casulo para tocar a tessitura do mundo com as próprias mãos. Queria ser afetado, tocado por aquilo que me escapava.

Foi assim que nasceu o *Yube* que escrevo agora. Não o professor de matemática, não o homem de equações. Mas o ser em travessia. Um ser entre os seres, movido pela vontade de reconciliar-se com o mundo e, quem sabe, aprender sua linguagem secreta. Essa linguagem, eu descobriria mais tarde, tinha nome: Etnomatemática. E sua gramática primeira estava nas histórias dos povos da floresta. Mas isso — o encontro com *Ibã*, com a floresta, com o que viria depois — eu ainda não sabia. Por ora, bastava a escuta. A escuta do cosmos dentro de mim, que me dizia: não estás só. Estás sendo chamado.

Em 2005, recebi um convite do Centro de Formação dos Povos da Floresta, da Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-AC), para atuar como consultor no módulo de matemática do curso de formação para professores indígenas. Aceitei com o corpo ainda tomado por uma inquietação que não conhecia nome. Não era medo, tampouco euforia. Era algo ancestral, talvez antigo demais para ser traduzido em palavras — uma vibração sutil que me atravessava em silêncio, como um presságio sem forma. E foi com essa sensação indefinida que, logo pela manhã, adentrei um dos corredores verdes do sítio da CPI-AC, percebi que não caminhava apenas sobre terra batida — atravessava um limiar. Aquele túnel de folhas não era simples passagem: era rito. Era anúncio. A escola, contígua ao sítio, me esperava. Eu, o que levava a régua e o compasso como quem carrega o bastão da razão. Mal sabia que, ali, seriam justamente as minhas medidas que desmoronariam. E não com violência, mas com gentileza. A ansiedade — fiel escudeira de toda mudança real — caminhava comigo. Os sons da mata me acompanhavam como se soubessem que eu



precisava desaprender. À medida que me aproximava da clareira onde aconteciam as aulas, a rigidez da escola que me formou parecia desbotar. Havia lousa, havia teto — mas não havia paredes. E era justamente por isso que tudo ali respirava. A brisa entrava livre, trazendo o canto dos pássaros e o sussurro das copas. O espaço não se encerrava: se abria. A sala de aula era o próprio mundo. Aqui o saber não se impõe, se compartilha. E os olhos dos participantes, atentos e curiosos, não buscavam explicações; buscavam conexões. Havia algo de profundamente filosófico na forma como olhavam o horizonte. E não era uma filosofia de cátedra, mas uma sabedoria que vinha dos ciclos da floresta, da observação do voo dos pássaros, do movimento das águas, do silêncio das raízes. Ali, matemática não era apenas número. Era ritmo. Era percepção. Era forma de nomear o mundo e nele inscrever-se. Eu, que vinha de uma tradição que separava sujeito e objeto, razão e emoção, ciência e mito, fui desarmado. A cada conversa íntima, a cada história narrada com olhos fechados, sentia minhas ideias ortodoxas ruírem — não como edifícios implodidos, mas como pedras devolvidas ao leito do rio. A educação ali não era um discurso. Era um modo de estar. Um modo de ser afetado. E percebi o quanto seria desonesto, da nossa parte, enquanto educadores e pesquisadores, negligenciar ou desvalorizar culturas que guardam um legado forjado por milênios de observação e convivência com a terra, com os ciclos da vida, com a alteridade.

Com o tempo, entendi que o saber que me era oferecido não estava à espera de validação acadêmica. Estava vivo. E se eu quisesse tocá-lo, não bastava escutar com os ouvidos. Era preciso escutar com o corpo. Com o tempo. Com o coração. Essa experiência — tão calorosa quanto desconcertante — foi, para mim, o desmonte silencioso de um mundo. Mas também o nascimento de outro. E eu já pressentia que algo — ou alguém — viria selar esse renascimento. O nome ainda não havia sido pronunciado. Mas a floresta, cúmplice dos movimentos do espírito, já o sussurrava em folhas e ventos.

O dia nascia com leveza no sítio da CPI-AC, mas dentro de mim, um outro tempo já havia começado a se mover. A manhã ainda era sombra de um acontecimento que me atravessara por inteiro na noite anterior. Foi por meio de um convite sereno — vindo de um



dos participantes do curso, um homem de sorriso calmo e olhos antigos como a mata — que me vi conduzido ao ritual da Ayahuasca. O nome dele era *Ibã Huni Kuin*. Mas mais que um nome, ele era uma presença. Um sábio da floresta. Conduziu-me com suavidade firme, como quem reconhece no outro um rio antigo prestes a desaguar. Seus cantos eram bússolas, suas palavras, raízes, e seus olhos guardavam o brilho de quem já viu tudo o que verdadeiramente importa. Quando a bebida escura encostou na minha língua, soube que não havia mais retorno. A floresta se deitou sobre mim, e o céu girou para dentro do meu peito. Senti meu corpo abrir-se em espiral, como se cada célula fosse uma semente em germinação. Não havia dor. Havia entrega. A *miração* veio como um clarão silencioso. Não com formas humanas, nem com palavras. Veio com luz. Vi surgir diante de mim uma jiboia feita de estrelas — seu corpo dançava em espirais brilhantes, entrelaçado como se cada curva fosse um verso, um símbolo sagrado. Ela se aproximou de mim sem pressa, sem medo, e naquele instante soube: era eu, *Yube*. Não apenas um nome indígena, mas uma revelação. A jiboia mítica, entidade sagrada da cosmologia Huni Kuin, se manifestava como espelho do que havia em mim desde sempre — mas que só ali, sob o canto de *Ibã* e o véu fino da Ayahuasca, pude finalmente ver. Era uma imagem impossível de explicar, mas clara como a primeira luz do mundo. Eu me reconhecia em cada cor vibrante que pulsava naquele corpo serpentino. Eu era o brilho. Eu era a curva. Eu era a continuidade entre o céu e a terra.

Ibã estava ali, ao meu lado, mas era como se estivesse em toda parte. Sua voz fluu pelo espaço como um vento cálido, reconectando o visível ao invisível. Senti, em silêncio, que ele já sabia. Sabia quem eu era, sabia o que viria. Seus cantos me devolviam a mim mesmo, como quem tece com sons uma rede onde a alma possa repousar. Quando o efeito começou a suavizar, eu ainda tremia — não de frio, mas de reverência. O mundo tinha mudado. Ou talvez eu tivesse sido revelado. Vi, pela primeira vez, que toda a minha busca pela matemática era uma tentativa de reencontro com essa linguagem cósmica — essa espiral de significados que pulsa tanto nas fórmulas quanto nas folhas, tanto no céu



quanto nas miragens. E eu, que chegara como professor, agora sabia: havia sido nomeado por dentro. Era *Yube*. A jiboia que sonha o mundo e se deixa sonhar por ele.

O dia seguinte ao ritual se derramava sobre o sítio da CPI-AC como um fio de luz morno e atento. O mundo ainda parecia respirar no ritmo dos cantos noturnos, e em mim o nome *Yube* se assentava com a serenidade de quem já sabia onde pertencia. A floresta, cúmplice dos silêncios, parecia acolher o próximo passo da travessia. *Ibã* me esperava com olhos calmos. Não disse nada. Apenas caminhou até o quadro verde — aquele mesmo onde o giz branco tantas vezes se ergueu para ensinar retas e curvas — e começou a desenhar. Seu gesto era firme, mas fluido, como quem traça algo que já está desenhado no ar antes mesmo da mão alcançá-lo. O *Kene* (desenho) surgiu como se brotasse da superfície. Linhas entrelaçadas, formas que se repetiam com a precisão de uma dança antiga. Era arte, sim — mas era também número, proporção, fração, movimento. Ele não explicava. Mostrava. Sentei em silêncio, observando cada traço como quem observa o céu decifrar-se em estrelas. Ao final do desenho, ele me olhou e fez um convite que não foi dito com palavras: desenha. Peguei o caderno de malha quadriculada como se pegasse uma folha da floresta. Tentei repetir a harmonia que vi em *Ibã*. Ele se aproximou, apontou com o dedo calmo: “Metade, depois metade da metade. Vê?” A matemática ali não era um cálculo. Era uma partilha entre o visível e o invisível. Ele ensinava como quem conta um segredo antigo. Apontava para o colar em seu pescoço, para a pintura em sua pele, para a cestaria apoiada no chão. Tudo era forma, medida, divisão, ritmo. “Olhe”, dizia ele com o corpo. E eu olhava. “Isso aqui é como as miçangas”, disse apontando para os quadradinhos que eu preenchia. “Mas também é como os ciclos das frutas. Quando ela cai, já diz o mês. Quando a flor abre, diz o tempo de festa. Tudo isso é conta, é saber de mundo.” Ficamos ali, lado a lado, desenhando. Ele desenhava histórias, eu desenhava perguntas. Quando errei um traço, ele sorriu: “Se faltar um pedacinho aqui, tudo fica torto.” Era sobre o desenho — mas era também sobre a vida.

Com um pedaço de cipó, simulou uma divisão. Quatro partes iguais (quatro quartos de um animal abatido). “Se mandar só uma costela, o vizinho reclama.” Rimos. Mas ali



havia justiça, proporção, ética. A matemática ali era também convivência. Ele esticou os braços. “Aqui é um metro. Mesmo que meu braço seja maior ou menor. Se eu medir, é meu metro.” Era medida, mas era também afirmação de identidade. O saber era vivido. “Os antigos marcavam os dias cortando a casca das árvores”, contou, desenhando linhas invisíveis no ar. “Cada corte, um passo. Cada passo, uma promessa.” A árvore era calendário. A flor era relógio. O corpo era régua. Ali, sob a sombra leve das folhas, compreendi: a matemática que busquei nas estrelas me esperava no chão. *Ibã* me olhou de novo, como quem encerra um ciclo. E então entendi. Eu não havia aprendido fórmulas. Tinha sido ensinado a escutar. Porque antes da equação, vem a escuta. Antes da prova, vem o canto. E a jiboia, que me visitara em luz e espiral, agora dormia serena nos desenhos traçados com giz.



Quando a jiboia desenhou meu nome no céu

When the serpent traced my name across the sky

Cuando la serpiente dibujó mi nombre en el cielo

Resumo

A crônica narra a travessia sensível de um professor de matemática conduzido por *Ibã Huni Kuin*, pajé e mestre da floresta, durante um ritual de Ayahuasca e experiências formativas em um curso indígena. Através da *miração*, o narrador encontra sua identidade espiritual revelada em *Yube*, a jiboia mítica, símbolo de pertencimento cósmico. A escuta atenta aos saberes de *Ibã* revela uma Etnomatemática viva, expressa nos desenhos, nos ciclos da natureza, nas medidas do corpo e nas histórias ancestrais. Ao final, o narrador compreende que antes da fórmula, é preciso reaprender a escutar — com o corpo, o tempo e o coração.

Palavras-chave: Etnomatemática. *Ibã Huni Kuin*. *Yube*. Cosmologia. Educação indígena.

Abstract

This chronicle narrates the sensitive journey of a mathematics teacher guided by *Ibã Huni Kuin*, a shaman and forest master, during an Ayahuasca ritual and formative experiences in an Indigenous education course. Through the *miração*, the narrator encounters his spiritual identity revealed in *Yube*, the mythical serpent, symbol of cosmic belonging. Attentive listening to *Ibã's* wisdom unveils a living Ethnomathematics, expressed in drawings, natural cycles, bodily measures, and ancestral stories. In the end, the narrator understands that before formulas, one must relearn how to listen — with the body, with time, and with the heart.

Keywords: Ethnomathematics. *Ibã Huni Kuin*. *Yube*. Cosmology. Indigenous education.

Resumen

La crónica narra el viaje sensible de un profesor de matemáticas, guiado por *Ibã Huni Kuin*, pajé y sabio de la selva, durante un ritual de Ayahuasca y experiencias formativas en un curso indígena. A través de la *miração*, el narrador encuentra su identidad espiritual revelada en *Yube*, la mítica serpiente, símbolo de pertenencia cósmica. La escucha atenta a los saberes de *Ibã* revela una Etnomatemática viva, expresada en los dibujos, los ciclos de la naturaleza, las medidas del cuerpo y las historias ancestrales. Al final, el narrador comprende que antes de la fórmula, hay que reaprender a escuchar — con el cuerpo, el tiempo y el corazón.

Palabras clave: Etnomatemática. *Ibã Huni Kuin*. *Yube*. Cosmología. Educación indígena.

Recebido 09 maio 2025.

Aceito 05 agosto 2025.

